

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

25

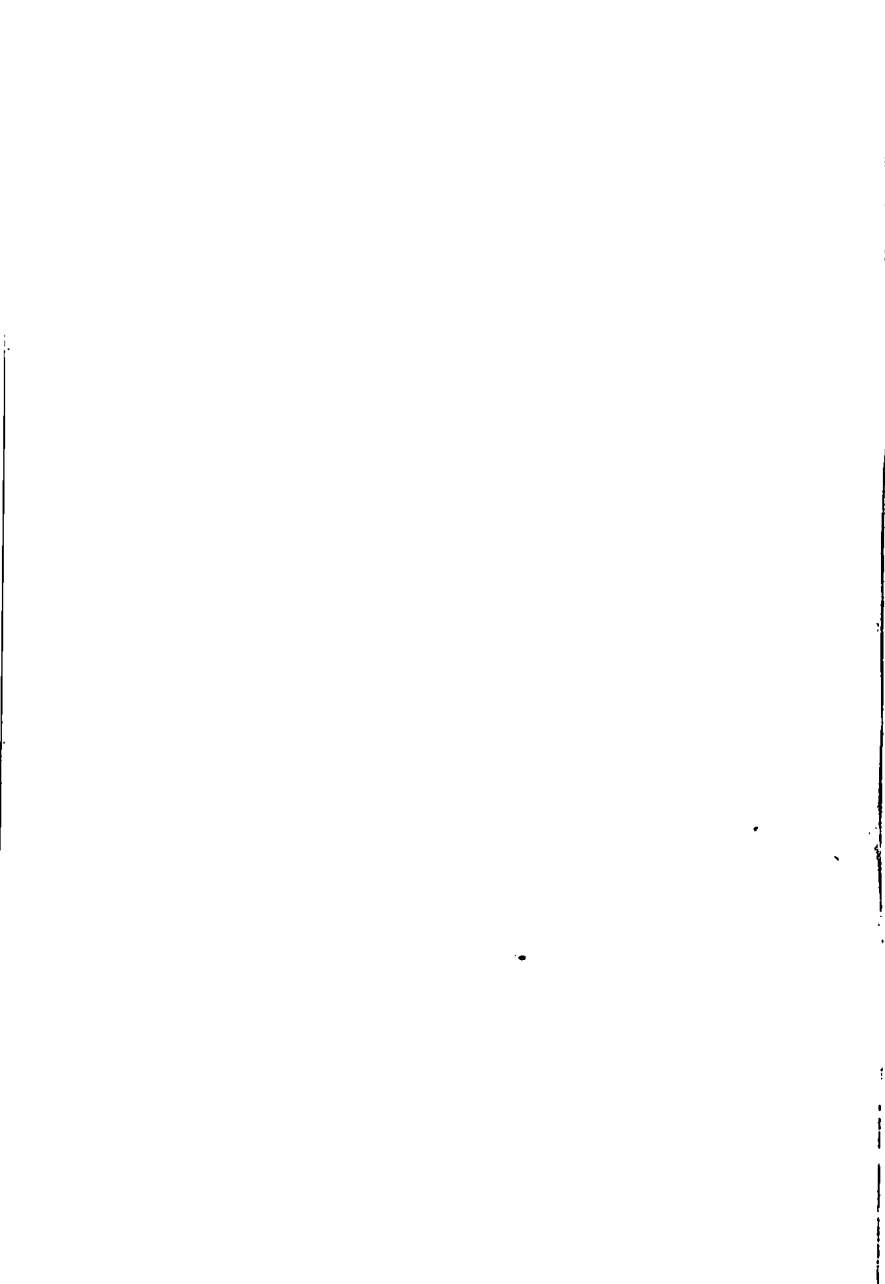
**A “CIÊNCIA
CRISTÃ”**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



3
a
Edição
1077

A "CIÊNCIA CRISTÃ"



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 25

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

A “CIÊNCIA CRISTÃ”

PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FE'
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Titulo do original inglês: Quizzes on Christian Science.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

E' MESMO "CIÊNCIA CRISTÃ"?

A religião conhecida como "Ciência Cristã" tem crescido, na América, na Inglaterra, na Austrália e em outros países de língua inglesa, numa percentagem que estabelece o seu direito à atenção de todos os interessados no problema da Verdade religiosa. Pelos "Cientistas Cristãos" é mesmo proclamado que, num lugar ou noutro neste mundo, uma nova igreja sua é aberta de quatro em quatro dias. E só esta proclamação torna um estudo dos seus ensinamentos e das credenciais da sua religião mais do que merecedor de consideração. Sobretudo um tal estudo é de interesse quando a "Ciência Cristã" é comparada com a Religião Católica, visto invocar ela milagres tais como os que a Igreja Católica está acostumada a oferecer como parte da evidência da sua verdade. Este folheto, contudo, não é ditado por uma concepção especificamente católica, mas é baseado na evidência haurida da Escritura, da história e da razão, a qual é válida para católicos e para não-católicos igualmente. As questões aqui tratadas são as que têm sido apresentadas tanto em preleções públicas sobre religião como numa sessão popular de perguntas de rádio, durante os últimos dezesseis anos.

PERGUNTAS SOBRE A "CIÊNCIA CRISTÃ"

1. Por que é que a gente que se professa cristã objeta contra a "Ciência Cristã"?

Por saber que, a despeito do seu nome, a "Ciência Cristã" é uma negação da religião de Cristo. De acordo com a Bíblia, a religião de Cristo é a única, verdadeira, completa e final revelação de Deus ao homem. A "Ciência Cristã" pretende ser outra e nova revelação dada por Deus a Mrs. Eddy, revelação mais alta e melhor do que a que nos foi dada pelo próprio Cristo. Tal negação da plenitude da Fé Cristã como dada por Cristo nenhum Cristão fiel pode aceitar.

2. A "Ciência Cristã" não pretende explicar o sentido real do cristianismo?

Tem essa pretensão. Mas, enquanto usa termos que são cristãos, absolutamente não usa esses termos em sentido verdadeiramente cristão. Usa-os para exprimir doutrinas inteiramente diversas. A religião cristã ensina que Cristo é o Filho Eterno de Deus, o qual se fez homem para a nossa salvação, sofreu a morte na cruz para expiar os nossos pecados, ressuscitou dos mortos e subiu aos céus, tendo estabelecido a sua Igreja para ensinar tôdas as nações em seu nome até o fim do mundo. Tudo isto é negado pela "Ciência Cristã".

3. O fato é que as pessoas se tornam "Cientistas Cristãs" sem abandonarem a sua crença no cristianismo.

Podem tais pessoas professar ainda crença no Cristianismo, mas não crêem no Cristianismo como este realmente é. Cristianismo e "Ciência Cristã" são duas religiões totalmente diferentes, em origem, em cren-

ças, em prática e em finalidade. Ninguém pode em verdade, pertencer simultâneamente às duas.

4. Que conceito forma você da “Ciência Cristã”?

Eu a descreveria como uma filosofia idealista ilógica e contraditória consigo mesma, revestida de trajes religiosos por Mrs. Eddy, e oferecida ao mundo como um sistema de cura sem remédios e como remédio para tôdas as doenças terrenas. E' apenas mais um dos numerosos cultos de invenção humana, alinhando-se com o Mormonismo, o Espiritismo, o Dowieísmo, os Cristadelfos, as Testemunhas de Jeová, os Adventistas do Sétimo Dia e outras religiões similares.

5. Essas outras religiões não foram revelações de Deus?

Os seus autores proclamavam que sim. E a proclamação de Mrs. Eddy não é melhor do que a dêles. E' verdade que ela fêz essa proclamação. No seu livro, “A Ciência e a Saúde, com Chave para as Escrituras” (“Science and Health, with Key to the Scriptures”), p. 107, escreve ela: “Deus estêve-me preparando graciosamente durante muitos anos para a recepção da sua revelação final do absoluto Princípio divino da cura mental científica”. No “Jornal” da “Ciência Cristã” de janeiro de 1901, ela escreveu: “Envergonhar-me-ia de escrever, como escrevi, sôbre “A Ciência e a Saúde com Chave para as Escrituras”, se isso fôsse de origem humana, e eu, afora Deus, o seu autor; mas fui apenas um escriba a repercutir as harmonias do céu em metafísica divina, e não posso ser supermodesta quanto ao manual da “Ciência Cristã”. Porém temos só a palavra de Mrs. Eddy em favor da afirmação de lhe haver Deus revelado o que ela

escreveu. Tudo repousa na fé em Mrs Eddy, não somente sem evidência, mas contra tôda a evidência admissível.

6. Que evidência pode você oferecer de Ihe não haver Deus revelado tudo o que ela escreveu no seu livro?

Em primeiro lugar, há evidência abundante de haver ela tirado muitas das suas idéias, mesmo palavra por palavra, de Phineas Quimby, expoente de cura mental a quem ela ia para tratamento da sua própria doença. Quimby ensinou-Ihe que as doenças humanas não têm existência real, e devem ser curadas não pela medicina, mas sim por contrôle mental. Ela beneficiou-se do tratamento dêle, adotou-Ihe as teorias, e mais tarde construiu em tôrno delas a sua religião. Se o seu livro sôbre o assunto, "Ciência e Saúde", não tivesse autor humano, mas devesse a sua origem a uma revelação divina, por que então teve de ser reescrito, alterado, suprimido e acrescentado, uma e mais vêzes, como foi o caso? Em 1885, ela até utilizou o Rev. James Henry Wiggin, ministro Unitário aposentado, para editar o seu livro, corrigindo-Ihe a má gramática e eliminando-Ihe os absurdos mais notórios. Êle próprio disse que o seu principal cuidado foi "preservar Mrs. Eddy de se tornar ridícula". Pedir ao povo considerar tal livro como divinamente revelado, mesmo pondo em parte o seu conteúdo, é pedir mais do que o permite a razão.

7. Como pode alguém saber se as pretensões de outra pessoa a uma revelação de Deus são justificadas ou não? Não há sempre um "pode ser"?

Há certos testes pelos quais podemos ao menos estar certos de que uma suposta revelação não é de

Deus. Será que a pessoa que pretende dar tal revelação à humanidade é o tipo de pessoa que Deus escolheria como seu agente para revelar a verdade? Será que a própria doutrina é tal como Deus a revelaria? Será que a doutrina não colide com a sã razão, ou com fatos científicos estabelecidos? Há nela quaisquer sinais extraordinários que podem verdadeiramente ser chamados milagres operados por Deus para confirmar a revelação como sendo sua? Aplicada na prática, resultará a nova religião no bem tanto dos indivíduos como da sociedade? A "Ciência Cristã" não suporta nenhum desses testes.

8. Mas por que se incomodar com a pessoa que Deus escolhe como seu instrumento?

Cristo pôde confiantemente perguntar: "Quem de vós me argüirá de pecado?". Ele ofereceu a sua vida como um livro aberto, desafiando os seus próprios inimigos. E, se um homem ou uma mulher oferece ao público uma nova religião em nome de Deus, êle ou ela deve estar preparado para ter a sua vida considerada como propriedade pública. Ademais, sem nenhuma necessidade de negar que o pretendente possua alguma ou mesmo muitas virtudes, aquêle que busca a verdade tem o direito de procurar por alguns sinais que não devem estar na vida de um profeta de Deus Onipotente. Pessoas que manifestam uma mente desequilibrada, ou desconsideração para com as regras elementares da honestidade e da veracidade, não são tipos como Deus escolheria para uma missão tão vital junto à humanidade.

9. Ninguém pode dizer que Mrs. Eddy não tenha vivido uma vida edificante. Ela é idealizada pelos seus sectários.

Pode ser verdade, que ela seja idealizada pelos seus sectários. Mas a Mrs. Eddy real não corresponde ao ideal dêles. Lancemos um olhar à sua vida. Ela nasceu como Mary Baker, em 1821, e foi educada como Congregacionalista. Era uma criança de têmpera forte, de caráter muito nervoso. Discussões com seu pai sôbre religião quando ela tinha apenas doze anos reduziam-na, muitas vêzes, a uma doença de cama, e certa ocasião sua mãe curou-a mediante calma sugestão mental, lá onde o doutor falhara.

Nessa mesma idade de doze anos, diz ela haver refutado os Mais-velhos na Igreja Congregacional em Tilton, N. H., mas os registos mostram que ela não estêve ligada a essa Igreja até a idade de dezessete anos. Ela declara que seu irmão Alberto lhe ensinou hebraico, grego e latim; porém ela entrou para o colégio quando tinha nove anos, residindo fora de casa, e só deixou a casa deveras quando tinha treze anos. Ela, que pretendia ensinar a verdade, não tinha amor particular a esta virtude, como veremos de novo dentro em momentos.

Em 1843 casou-se com um tal Coronel Glover, que morreu de febre seis meses depois. Após a morte dêle, nasceu-lhe a ela um filho de quem se desafeiçoou intensamente, com expresso desgosto dos seus parentes. Ela não podia suportar o filho perto de si, e, de fato, não o viu nem desejou vê-lo desde a idade de seis anos até ter êle trinta e quatro — num período portanto de vinte e oito anos. Como mãe ela não foi um sucesso, e careceu daqueles traços mais afáveis que as mais das vêzes se tornam os distintivos mais nobres das mulheres.

Em 1853 casou-se com um dentista chamado Daniel Patterson, porém mais tarde divorciou-se d'ele sob alegação de deserção e infidelidade.

Em 1862 má saúde e neurastenia levaram-na a consultar um tal Dr. Phineas Quimby, que lhe disse não acreditar em drogas, mas confiar na correção do erro mental e na suplantação d'ele pela verdade. Fê-la cair num sono mesmérico, e ela recobrou a consciência já curada. A Sra. Patterson felicitou-o, e disse-lhe que não fôra o seu mesmerismo que a curara, mas sim a compreensão profunda que êle tinha da Verdade trazida por Cristo.

Os ensinamentos e práticas do Dr. Quimby ela os desenvolveu mais tarde para formação do seu próprio sistema de metafísica religiosa. Contudo, escreveu anos depois: "Foi depois da morte de Quimby que descobri, em 1866, os fatos importantes relacionados com o espírito e com a superioridade d'este sôbre a matéria, e denominei "Ciência Cristã" a minha descoberta". Se houve coisa que ela aprendeu do Dr. Quimby foi a doutrina da superioridade do espírito sôbre a matéria, e, no entanto, depois da morte do Dr. Quimby, ela insistia em dizer que êle nunca lhe fizera menção de cura mental! Procurou mesmo persuadir uma tal Mrs. Sarah Crosby a jurar que "o Dr. Quimby aprendera de Mrs. Eddy os seus pensamentos e linguagem". Com razão Mrs. Crosby recusou sancionar essa in-verdade.

Em 1866, Mrs. Patterson caiu sôbre o gêlo em Lynn, Massasuchetts, e foi "milagrosamente" curada dos seus ferimentos. Êste é o milagre básico da "Ciência Cristã", e adquiriu o título de "A Queda Milagrosa em Lynn". Consoante o relato dela, "o Dr. Cushing achou-a insensível, sofrendo várias lesões internas, que acarretavam espasmos e sofrimentos internos". Ela foi re-

tirada em condições muito críticas. "O Dr. Cushing declarou incurável o meu mal, e disse que eu não poderia sobreviver três dias". O Dr. Cushing ainda vivia em 1907, e, consultado sobre essa declaração, fêz notar: "Eu nunca fiz semelhante declaração. Achei-a muito nervosa, em parte inconsciente, semi-histórica, e queixando-se de forte dor atrás da cabeça e do pescoço. Tratei-a, e não me surpreendi com o seu restabelecimento. Na ocasião ninguém falou de cura milagrosa".

Depois da sua cura, ela começou a ensinar os seus métodos de "Ciência Cristã", cobrando trezentos dólares por sete lições. "Fui levada a fazer menção de trezentos dólares", escreve ela, "por uma estranha Providência. Deus mostrou-me de múltiplos modos a sabedoria desta decisão". Ela morreu deixando perto de três milhões de dólares.

Em 1875 enfeixou os seus ensinamentos num manual, "A Ciência e a Saúde, com Chave para as Escrituras" ("Science and Health, with Key to the Scriptures"). Um ano depois fundou a primeira Associação da Ciência Cristã.

Em 1877 desposou um Sr. Asa Gilbert Eddy, agenciador de máquinas de costura, e conferiu-lhe o título de Doutor, tornando-se assim Mrs. Dr. Eddy. Embora contasse 56 anos de idade, os papéis do casamento registam a sua idade como de 40.

Por mais de trinta anos ainda ela trabalhou com incrível energia. A morte de Mr. Eddy em 1882 foi uma dolorosa provação para a Igreja dela. Como pôde êle adoecer? E por que a própria Mrs. Eddy não pôde curá-lo? Entretanto, quando êle adoeceu, Mrs. Eddy chamou o Dr. Noyes, um dos principais médicos de Boston. Êle diagnosticou doença do coração. Mrs. Eddy negou isso, e disse que êle estava era envenenado por

arsênico, causado por espíritos maus de inimigos. O Dr. Eddy morreu. Um exame "post-mortem" acusou distúrbio valvular do coração, e nenhum vestígio de arsênico. Mrs. Eddy negou até mesmo êsse resultado, e disse que o Dr. Eddy lhe assegurara que podia reconhecer-lo, e que, estando ocupada, ela lhe permitira experimentar, só dando com o perigo quando já era tarde demais.

A despeito da sua doutrina de não haver morte, a própria Mrs. Eddy morreu em 1910. Não a sua vida, porém a sua morte despreendeu-a dos seus materialísimos três milhões de dólares; o seu ideal de Verdade parece ausente; faltou-lhe simpatia humana em grau assinalado; enquanto que o seu espírito de humildade está estranhamente ausente na apreciação escrita de si mesma no seu livro "Retrospecção e Introspecção" ("Retrospection and Introspection"), onde ela diz: "Ninguém pode tomar o lugar da Virgem Maria; o lugar de Jesus Cristo; o lugar da autora de "Ciência e Saúde" — a descobridora da "Ciência Cristã" (p. 70).

Mr. H. A. L. Fisher, Reitor de New College, Oxford, no seu livro "A Nossa Nova Religião" ("Our New Religion"), resume como segue a vida dela: "Foi uma estudiosa da Bíblia, sincera, embora inteiramente acrítica; foi a mulher de três maridos, que escreveu um "Best Seller"... e morreu deixando perto de três milhões de dólares, tudo feito fora de religião".

10. E o que Mrs. Eddy disse e fez é realmente tão importante assim?

E', porque a "Ciência Cristã" não existe separada dela. Ela a identifica consigo mesma. Exigia uma fé nela mesma igual a fé de qualquer um em Cristo, e uma crença no seu livro igual à crença de um cristão na Bíblia. Faltar à fé nela é faltar à fé no seu sistema religioso, tal como

faltar à fé em Cristo é faltar à fé na religião cristã. Ela não era S. João Batista, que disse de Cristo: "Ele deve crescer", e de si mesmo: "Eu devo diminuir". Ela mesma arranjou as coisas de modo que pudesse ocupar para sempre o primeiro lugar onde quer que a "Ciência Cristã" fôsse estabelecida. Proibiu a qualquer um pregar na sua Igreja, insistindo em que sòmente passagens da Bíblia e do "Ciência e Saúde" fôsem lidas, sem qualquer comentário ou explicação outra a não ser a sua; e que a cada vez o seu nome devia ser anunciado como a autora dêsse último livro. "Onde quer que uma Igreja da Ciência Cristã seja estabelecida", escreveu ela, "o seu Pastor é a Bíblia e o meu Livro" ("Misc. Writings", 1897, p. 383).

11. Uma tal crença na sua missão não afasta necessariamente uma reflexão sòbre o caráter de Mrs. Eddy.

Seria uma auto-ilusão, se ela fôsse sincera, importando até em desarranjo mental. E que ela não foi normal de muitos modos, embora sã em algumas coisas, quadra com a sua história inteira. Ela foi uma neurastênica desde a infância, e, crescendo, veio a ser uma mulher vaidosa, loquaz, inverídica, dominadora e avarenta.

Muito cedo na sua carreira, como Sra. Glover, ela foi passar um tempo com um Sr. e uma Sra. Wentworth, e tentou em vão persuadir esta última a deixar o marido a fim de excursionar com ela praticando o tratamento Quimby. Transtornada com o seu fracasso nessa tentativa, ela pisaria no assoalho por cima do quarto da Sra. Wentworth, que estava doente, para aborrecê-la; e estragou todo o seu apartamento, para dar expansão à sua raiva, antes de deixá-lo.

Em 1870, Richard Kennedy, antigo discípulo dela,

fêz sociedade com ela, pondo em prática a cura mental cuja teoria ela ensinava. Ao cabo de dois anos, cansado da inveja e das exigências dela, deixou-a e esta-beleceu-se por si mesmo. Ela denunciou-o acicamente como praticando “mesmerismo malicioso”.

Em 1879, organizou a Primeira Igreja dos Cientistas de Cristo, em Boston, tendo ela mesma como pastor, somente para ser desertada por muitos sectários que a acusavam de “mau temperamento, amor por dinheiro e hipocrisia”.

No dizer dela, todos os seus opositores eram gente má, culpada de “magnetismo animal malicioso”. O seu contínuo falar de Amor era mais pròpriamente uma zombaria, à luz do seu azedume e do seu ódio para com todos os que divergiam dela.

E, quando ela mesma, afinal, sentiu que a morte era inevitável, sob juramento exigiu de um dos seus seguidores, um tal Sr. Dickey, que, depois da sua morte, êle jurasse haver ela sido “mentalmente assassinada”. O atestado de óbito declara que ela morreu de pneumonia. Porém ela queria manter, se possível, a pretensão de que não estava sujeita a nenhuma morte natural como os outros.

Estas coisas, e muitos outros episódios na sua vida, tornam impossível alinhá-la com os Profetas e Apóstolos, e é pura blasfêmia compará-la com Cristo.

12. Porém, mesmo que ela não tenha vivido de acôrdão com os seus ensinamentos, a sua filosofia bási-ca pode ter sido inteiramente sã.

E' verdade que o valor da sua filosofia não depende do fato de haver ela vivido de conformidade com ela. E' possível, a um que faz o errado, ensinar o certo. Olhemos, porém, para a sua filosofia em si mesma. Ela começou negando a realidade da matéria. Declara

ela: "Não há vida, verdade, inteligência ou substância na matéria. Tudo é Mente Infinita". De onde vem, pois, a matéria, de cuja existência os homens estão tão firmemente convencidos? Ela é "uma crença errônea da mente mortal". E que é mente mortal? "Mente mortal é nada". Então o "nada" produz ao menos uma crença errônea "real"? Ela não tem resposta para isto. Entretanto, nesta base inconsistente argumenta que o pecado e o sofrimento não têm existência real, e podem ser banidos por um processo de "pensar direito". "A obesidade", declara ela, "é uma crença adiposa". Mas, como é que a máquina de pesar é afetada por essa crença, isto ela não explica. "Não temos evidência de que o alimento sustente a vida, a não ser uma falsa evidência", assevera ela. A história não regista que ela tenha descurado as suas próprias refeições.

13. Então você nega que a cura mental seja uma ciência?

Não. Porque, dentro de certos limites, há uma ciência de cura mental. Todo psiquiatra a conhece. Porém Mrs. Eddy foi muito além dos limites definidos da cura mental afiançável, e rejeitou positivamente a ciência. A ciência depende da realidade dos fenômenos que Mrs. Eddy declara irrealis e inexistentes. Para ela, já que elas supõem a matéria, que é irreal, a anatomia e a fisiologia são absurdas. Ela considera tôda a ciência médica e cirúrgica não somente como sem valor, mas como positivamente má. Nega a validade das leis estabelecidas da ciência, e os seus ensinamentos, dela Mrs. Eddy, são ao mesmo tempo irracionais e perigosos. Na sua pretensa ciência, não há fraturas, não há luxações, não há doenças ou enfermidades. As suas teorias da irrealidade da matéria significariam que um termômetro inexistente registraria uma temperatura inexistente num corpo inexistente! E

os supercrédulos adeptos da “Ciência Cristã”, em vez de invocarem o auxílio da ciência médica, têm exposto desnecessariamente os seus parentes e amigos ao sofrimento, e mesmo à morte. Não há um só cientista genuíno no mundo que não estigmatize o sistema da “Ciência Cristã” de Mrs. Eddy como a verdadeira personificação do acientífico.

- 14. Você tem o problema de conciliar o sofrimento com a existência de um Deus bom. Porém Mrs. Eddy nos mostra que não há tal problema. Se a dor e o sofrimento absolutamente não são reais, é questão apenas de averiguar esta verdade.**

Tanto a existência de um Deus bom como a existência do sofrimento são fatos. Elas não são, pois, incompatíveis, embora não possamos ver completamente como conciliar as duas. Porém negar a existência de Deus, como o faz o ateu, ou negar a existência do sofrimento, como faz o “Cientista Cristão”, é contornar o problema, não é resolvê-lo. Quando a própria Mrs. Eddy tinha de arrancar um dente, gostosamente se socorria de um anestésico para amortecer a dor e se poupar sofrimento desnecessário. Ridicularizada pela sua incoerência, ela explicava que a crença do dentista na droga empregada era uma força mental que se combinava com a dela para produzir uma extração indolor!

- 15. A idéia de que o sofrimento não pode ser evitado, e de que deveríamos alegrar-nos de sofrer com Cristo, é puro derrotismo. A “Ciência Cristã” nos ensina que é culpa nossa se sofremos, e concita-nos a nos vencermos.**

Justamente o oposto é que é o caso. A “Ciência Cristã” concita-nos não a suportar o sofrimento, mas

a fugir dêle. Mas as suas teorias são a um tempo fúteis e prejudiciais. A idéia de que o sofrimento é irreal, de que é um engano mental, e de que as pessoas pensam erradamente estarem sofrendo, viola o senso comum, deixa as pessoas sofrendo desnecessariamente, e estanca as boas fontes da simpatia humana. Os cristãos genuínos recusam-se a negar a realidade do sofrimento, mas dizem que o amor de Deus dará paz no meio do sofrimento, e que só êle pode fazê-lo. O genuíno amor de Deus sempre significa felicidade. Nem sempre significa prazer. Está tão à vontade com a dor como com o prazer, porquanto êle se prova pelo sacrifício de si. Os cristãos vêem o amor de Cristo escolhendo grandes sofrimentos para si na Cruz, e o seu amor a Cristo torna-os alegres de compartilharem os sofrimentos dêle, misturando a sua dor com a dêle. E isto dá a paz de Cristo às suas almas, uma paz que o mundo não lhes pode dar nem lhes pôde tirar.

16. A razão pela qual você não pode aceitar a explicação de Mrs. Eddy é que, pelo seu preparo teológico, você é ensinado a procurar o mal na humanidade.

Isto não é verdade. Sem qualquer preparo teológico, todos os homens de bom senso sabem que os males morais e físicos são uma realidade neste mundo. O preparo em filosofia ensina que os males morais e físicos são uma negação do bem, pressupõem o bem, e só podem ser explicados como a ausência de um bem que deveria estar presente, mas não está. O preparo em teologia ensina, não a procurar o mal na humanidade, mas sim, a, admitindo-o, procurar os princípios pelos quais pode êle ser conciliado com a Providência de Deus, as lições que nós mesmos podemos

tirar das nossas experiências dolorosas, e os meios pelos quais pode o mal moral ser reparado.

17. O "Cientista Cristão", que vê a imagem real de Deus refletida no homem, procura só o bem na humanidade.

A imagem real de Deus está refletida na alma do homem, que é espiritual, inteligente, dotada de livre-arbítrio, e imortal. Todo católico é ensinado a ter em mente este fato, e a se capacitar de que a sua alma é de suma importância. As palavras de Cristo estão sempre diante d'ele: "Não temais os que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma". Obviamente, para Cristo o corpo e a alma são igualmente realidades. Mas, para Mrs. Eddy, o corpo do homem não é realidade. No seu livro "Ciência e Saúde", quando procura explicar como o homem é feito à imagem de Deus, ela nega expressamente a realidade do corpo do homem, e define o homem como uma "idéia", e como "aquilo que não tem mente separada de Deus". Por outras palavras, ela ensina um panteísmo inteiramente oposto às doutrinas de Cristo, e perde qualquer direito ou título à definição do seu sistema como "Cristão". Verdade é que Mrs. Eddy rejeita indignadamente a acusação de panteísmo; mas, embora rejeitando a palavra, ela repetidamente ensina as doutrinas que essa palavra representa.

18. Você condena a filosofia da "Ciência Cristã"; mas basta ler as obras de Mrs. Eddy para notar como ela glorifica a verdade, e como insiste na lógica e na consistência.

Mrs. Eddy realmente não glorifica a Verdade. Glorifica a sua própria doutrina, e declara que ela é a Verdade, sem contudo oferecer nenhuma prova lógica

ou consistente das suas teorias. Ela argumenta que a alma do homem é divina; mas o divino não pode pecar; logo, a alma do homem não pode pecar! (“Ciência e Saúde”, pp. 310-311). Porém nem cogita de que a primeira asserção necessita de prova. Poder-se-ia justamente dizer do mesmo modo: “Nova York é a capital da Itália. Mas a Itália está na Europa. Logo, Nova York está na Europa”. Igualmente nos é dada esta sentença: “Deus, Espírito, sendo Tudo, — Nada é a Matéria”, e é-nos assegurado que, uma vez que o sentido é o mesmo lida a sentença na ordem inversa, deve ela ser matematicamente verdadeira! (“Ciência e Saúde”, p. 113). Às vezes os seus pensamentos são inteiramente ininteligíveis. Assegura-nos ela: “Nada que vive sempre morre, e vice-versa” (“Ciência e Saúde”, p. 374). Que significa “vice-versa”? Que nada que sempre morreu sempre viveu? E como poderia isso morrer se nunca viveu? E, se nunca viveu, como poderia vir a morrer? A razão não pode aceitar como filosofia semelhante contra-senso.

19. Para compreender a “Ciência Cristã” deve-se pô-la em prática.

Como sistema completo, ninguém pode pô-la em prática. A própria Mrs. Eddy não o fez. Nem o fazem os seus sectários. Os “Cientistas Cristãos” vivem tal qual como os outros vivem, possuindo suas casas, seus automóveis, bens materiais de toda sorte, inclusive dinheiro, pela forma usual de fato. Mrs. Eddy nunca seguiu as suas próprias teorias até à sua conclusão lógica. Como já mostrei, ela negava que o alimento preserve a vida, e no entanto tomava regularmente as suas refeições. Denunciou a medicina e as drogas, e no entanto fez uso freqüente delas. Declarou que a morte é uma ilusão da mente mortal, e que não de-

vemos crer na realidade dela. Consoante o seu ensino, a morte não pode sobrevir a ninguém que não crê na realidade dela. E, no entanto, ela morreu. De acôrdo com os seus princípios, ela mesma deve ter acreditado na realidade dela, e a sua declaração de que a morte é irreal foi contra as suas próprias crenças.

20. Não pensa você que, como religião, a “Ciência Cristã” deveria ser olhada religiosamente, e não à fria luz da razão apenas?

E' verdade que a “Ciência Cristã”, com o seu acervo de crenças peculiares, de serviços religiosos estranhos, de orações e de congregações organizadas, nos é oferecida como uma nova religião. Mas a religião não nos dispensa das exigências da razão; e um sistema que se proclama científico convida a crítica da ciência genuína. Por ambas essas razões, a “Ciência Cristã” deve ser classificada como superstição, e não como religião no exato sentido dêste têrmo. A própria Mrs. Eddy não pode ser escusada de crença em feitiçaria. Ela ensinou que uma mente desviada de Deus podia, mesmo à distância, fazer imenso mal aos outros por pensamentos vingativos. Os pagãos primitivos, que temiam o poder dos seus bruxos de lhes deitar encantos, alimentavam crenças similares. A religião verdadeira exclui tais superstições pagãs.

21. Deve ser lembrado que a doutrina só pretende ser eficaz como ciência religiosa.

Fica de pé o fato de muitíssimos dos alunos de Mrs. Eddy se porem a praticar a arte da cura mental como por ela ensinada, sem contudo ensinarem, de modo algum, as suas doutrinas religiosas; e terem prosseguido muito bem sem essas doutrinas, efetuando muitas

curas. Não há nenhuma evidência de que aqueles que mantêm os princípios metafísicos e religiosos de Mrs. Eddy façam algo de melhor do que as centenas de outros curandeiros pela fé que nem são "Cientistas Cristãos" nem têm qualquer conhecimento da suposta revelação de Mrs. Eddy. E os resultados obtidos pelos praticantes da "Ciência Cristã" só podem ser explicados pela psicologia natural da cura e sugestão mental, sem a moldura religiosa em que ela enquadrava o processo.

22. Tem você alguma coisa contra os ensinamentos religiosos da "Ciência Cristã"?

- Sim. E' para crédito da "Ciência Cristã" que ela insista sôbre a justiça, sôbre a caridade, e sôbre todos os padrões normais da conduta decente. Mas outras religiões fazem-no igualmente. Êsses padrões não são próprios da "Ciência Cristã". O que é próprio do sistema de Mrs. Eddy é a sua completa negação de quase todos os ensinamentos especificamente cristãos. No seu livro "A Ciência Cristã de Mrs. Eddy" ("Mrs. Eddy's Christian Science"), o Dr. Pullan está plenamente justificado em fazer notar: "Se os "Cientistas Cristãos" levam vidas boas e resistem à tentação, isto prova apenas que a moralidade natural e os resíduos de uma tradição cristã são mais fortes nêles do que a filosofia de Mrs. Eddy".

23. Como pode você dizer que a "Ciência Cristã" nega especificamente o ensino cristão, quando, como todos os outros cristãos, Mrs. Eddy insiste na crença na Bíblia?

Na realidade, ela insistiu foi na crença em sentidos que errôneamente atribuía à Bíblia. O seu único objetivo foi adaptar a Bíblia para quadrar com os seus

ensinamentos. Ela não hesitou em acusar a Bíblia de doutrinas errôneas, nem teve escrúpulo em modificá-la à vontade. Ela nos diz que o Gênese 1-2, 5, dá a verdade, enquanto que o Gênese 2, 6 em diante dá um relato inteiramente falso da criação. Escreve ela: "A Ciência do primeiro relato prova a falsidade do segundo. Se um é verdadeiro, o outro é falso, pois são antagônicos" ("Ciência e Saúde", p. 522). Quando ela fala da "Ciência" do primeiro relato, certamente não entende "ciência" no conceito ordinário desta palavra, mas sim a interpretação que a "Ciência Cristã" sobrepõe aos relatos bíblicos da criação. Em Romanos 5, 10, lemos: "Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho". Mrs. Eddy reproduz isto assim: "Fomos reconciliados com Deus pela (aparente) morte de seu Filho" ("Ciência e Saúde", p. 45). Não foi isto o que S. Paulo escreveu ou quis dizer. Tomemos mais outro caso. Cristo disse: "Temei aquêle que é capaz de destruir tanto a alma como o corpo no inferno". Mrs. Eddy acrescenta: "Um estudo cuidadoso dêste texto mostra que aqui a palavra alma significa um senso falso ou consciência material" ("Science and Health", p. 196). Isso não significa nada disso, e nada no texto sugere tal idéia. Estas são meras amostras da inescrupulosa deturpação que Mrs. Eddy faz da Sagrada Escritura.

24. O primeiro dos seis postulados da "Ciência Cristã" diz: "Como adeptos da verdade, nós tomamos a palavra inspirada da Bíblia como nosso guia suficiente para a vida eterna".

E' esta outra ocasião de falar a tradicional linguagem protestante, embora na prática se afastando de tudo o que ela implica. Se a Palavra de Deus inspirada é o guia suficiente para a vida eterna, por que então

o próprio livro dela é absolutamente necessário, como ela o declara? “Um Cientista Cristão, escreve ela, “requer a minha obra “Ciência e Saúde” como seu livro de texto, e assim fazem todos os seus estudantes e pacientes” (“Ciência e Saúde” p. 456). Em matéria de fato, ela mesma sustenta que, por si mesma, a Bíblia absolutamente não proporciona informação suficiente. Escreve ela em “O Precioso Volume” (“The Precious Volume”): “Nem mesmo as Escrituras dão interpretação direta das bases científicas para demonstrar o Princípio espiritual da cura, até que nosso Pai Celestial achou conveniente, através da Chave das Escrituras em “Ciência e Saúde”, revelar êsse “mistério da divindade”. Segundo isso, os cristãos tiveram de esperar até 1875, que Mrs. Eddy lhes dissesse o que a Bíblia realmente significava, e ela admite que o que tem a dizer nunca poderia ser inferido da Bíblia! Então como pode ela falar da Bíblia como de um guia suficiente?

25. Mrs. Eddy pretende que o mesmo Deus que inspirou a Bíblia revelou a ela o conteúdo do “Ciência e Saúde”.

Essa pretensão não suportará investigação. O livro dela é uma caricatura da Bíblia, baseada nas notas de Phineas Quimby e na sua própria imaginação. Ela estava muito mal aparelhada para a tarefa de interpretar a Escritura. Na terceira edição de “Ciência e Saúde”, 1881, ela havia escrito que o nome “Adão vem do latim “demens”, significando “loucura”, “desfazer”, “estragar”. A palavra deveria ser traduzida como “a damn” (um dano). A Escritura francamente declara Adão amaldiçoado” (Vol. II, p. 196). Noutra ocasião declarou que o nome Adão vinha do latim “daemon”, significando espírito mau. Ora, a pa-

lavra Adão existiu muito tempo antes de existir a língua latina, e portanto não poderia ter vindo dessa língua; e sucede ser "daemon" uma palavra, não latina, porém grega. Alguém deve ter apontado estas coisas a Mrs. Eddy, porque ela eliminou essas derivações nas edições posteriores de "Science and Health". Mas Deus é que foi responsável por essas originais demonstrações de ignorância? Mesmo em edições posteriores Mrs. Eddy diz que o nome Adão, separado em duas sílabas, significa "a dam", ou uma "obstrução" ("Science and Health", p. 338). Mas esta divisão de uma palavra hebraica em duas secções inglesas é simplesmente monstruosa. E tampouco um exame geral do livro indica autoria divina. Ele é simplesmente incoerente. Mr. H. A. L. Fisher, crítico literário de primeira linha, diz: "De arranjo e progresso ordeiro não há nêle nem vestígio. Não há razão para que o primeiro capítulo não devesse ser o último, ou o último o primeiro. Geralmente não há razão para que uma sentença siga, e não preceda, a outra" "A nossa Nova Religião" ("Our New Religion", p. 61). E por que razão um livro contendo a Verdade absoluta diretamente revelada por Deus deveria ser tão freqüentemente revisto e corrigido? E' impossível levar a sério as pretensões de Mrs. Eddy à autoria divina do seu livro.

26. Mrs. Eddy nunca repudia o cristianismo.

Muito mais honesta teria sido se o houvesse feito. Mas, vivendo numa civilização cristã, ela sabia que devia obter recrutas de entre os cristãos professos. Era, pois, importante que êles não sentissem estarem abandonando o Cristianismo. Daí o seu solerte título "Ciência Cristã". Sem embargo, persiste verdadeiro que, embora conservando o nome de "Cristão", as

doutrinas de Mrs. Eddy rejeitam tudo aquilo que o Cristianismo realmente implica.

27. Ela insiste na crença em Deus, e em cada página do seu livro está estampada esta convicção.

Uma leitura do seu livro mostra que ela fala continuamente de Deus. De fato, segundo ela, não há em existência nada senão Deus. Ela nega a realidade da criação inteira. "Deus é tudo-em-tudo", escreve ela. "Deus é bom. Deus é Mente. Deus, Espírito, sendo tudo, nada é a matéria" ("Ciência e Saúde", p. 113). Mas, do seu aranzel de palavras, ressalta claramente que o Deus dela não é o Deus cristão que criou o céu e a terra, que por natureza é distinto de tôdas as coisas menores e criadas, e que é essencialmente pessoal. Ela define Deus como o "Princípio da metafísica divina" ("Ciência e Saúde", p. 112). Torna Deus tão impessoal como um princípio em matemática. Esse não é o Deus do Cristianismo.

28. O segundo dos seis postulados diz: "Reconhecemos e adoramos um Deus supremo e infinito. Reconhecemos seu Filho, um só Cristo; o Espírito Santo como Divino Consolador; e o homem como imagem e semelhança de Deus". Não é essa a doutrina cristã sôbre Deus e sôbre a Santíssima Trindade?

Poderia ser; mas não interpretada à luz dos princípios metafísicos de Mrs. Eddy. Ela parece não ter tido idéia das conseqüências lógicas dos seus ensinamentos. Em "Ciência e Saúde", p. 332, escreve sôbre "Deus, o Pai-mãe; Cristo, a idéia espiritual da filiação; ciência divina, o Santo Consolador". Assim, a sua "Santíssima Trindade" é um Deus que é ao mesmo

tempo masculino e feminino em gênero, e é idéia de filiação, e é Ciência Cristã! A páginas 517 de "Ciência e Saúde" ela escreve, hesitantemente: "Se Deus é pessoal, então não há senão uma só pessoa". A páginas 256: "A teoria de Três Pessoas num só Deus (isto é, uma Trindade ou Triunidade pessoal) sugere Politeísmo antes que o único sempre presente EU SOU". Ninguém pode conciliar tais asserções com a crença na doutrina cristã da Trindade.

- 29. Como cristãos nós dizemos: "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador dor Céu e da Terra". Mrs. Eddy diz distintamente: "Deus cria e governa o universo, inclusive o homem" ("Ciência e Saúde", p. 295).**

Mrs. Eddy não sabe o que os cristãos entendem por essas palavras. Se usa termos cristãos, usa-os só para os explicar a seu modo. Para ela, aquilo a que nós chamamos o universo é mera ilusão da mente mortal. As coisas temporais são irreais. "A matéria parece ser, mas não é" ("Ciência e Saúde", p. 123). A própria mente moral é uma ficção. Ela define-a como "nada pretendendo ser alguma coisa" ("Ciência e Saúde", p. 591). Onde os primeiros capítulos do Gênese declaram, de cada coisa criada por Deus, que "Ele viu que era bom", ela declara-a ilusão, mal e erro. Aliás, êsses primeiros capítulos até 2, 6, ela os reconhece como contendo a verdade absoluta.

- 30. Além do universo visível, nós reconhecemos também a existência dos anjos, alguns dos quais se tornaram maus sob a chefia do Demônio.**

Os princípios da "Ciência Cristã" excluem a crença em seres espirituais criados inteligentes e pessoais, dos quais os bons são conhecidos como anjos e os maus como

demônios. Nenhum cristão poderia aceitar uma descrição dos anjos como “pensamentos sublimados” (“Ciência e Saúde”, p. 299); ou do demônio como “uma crença no pecado, na doença e na morte; como magnetismo animal ou hipnotismo; como a concupiscência da carne” (“Ciência e Saúde” p. 584).

31. Os “Cientistas Cristãos” procuram a imagem real de Deus no homem, e não a imagem irreal que os chamados cristãos ortodoxos imaginam.

Os cristãos, como a vasta maioria dos seres humanos sensíveis, tomam o homem como êle realmente é. O homem é um composto de corpo e alma. Ambas estas coisas são igualmente realidades, sendo o corpo material e a alma espiritual. E a alma é que é feita à imagem de Deus. Os “Cientistas Cristãos”, teòricamente, recusam admitir a realidade do corpo, e até mesmo da alma. Porquanto, de acòrdo com Mrs. Eddy, “O homem não é matéria; não é formado de cérebro, sangue, ossos e outrôs elementos materiais” (“Ciência e Saúde”, p. 475). Quanto à alma, “A alma ou Espírito significa Deidade e nada mais. Não há alma nem espírito finitos” (“Ciência e Saúde”, p. 466). Esta negação tanto do corpo como da alma nega a existência do homem absolutamente. A “Ciência Cristã” é que ignora o homem real e se refugia num mundo irreal de ilusões.

32. O terceiro postulado da “Ciência Cristã” diz: “Reconhecemos o perdão de Deus ao pecado na destruição do pecado, e na compreensão espiritual que afasta o mal como irreal; mas a crença no pecado é punida enquanto durar a crença”. Isto não pode ser chamado não-cristão.

Todo o gênio do Cristianismo está construído sobre o fato de haver Cristo morrido na Cruz para nos

redimir do pecado. Contudo, Mrs. Eddy nos diz que “o homem é incapaz de pecado, de doença e de morte” (“Ciência e Saúde”, p. 475). “O mal”, diz ela, “não tem realidade. Não é nem pessoa, nem lugar, nem coisa, mas simplesmente uma crença, uma ilusão do senso material” (“Ciência e Saúde”, p. 71). Se assim fôsse, e se o pecado pudesse ser destruído com o deixar de crer na sua existência, então os sofrimentos redentores de Cristo teriam sido inteiramente desnecessários e o cúmulo da loucura. Sem dúvida é consolador dizer que o pecado é mero engano e ilusão; mas esta não é a doutrina cristã. E nem, na prática, Mrs. Eddy encarou tão brandamente assim a conduta dos seus opositores. Indignamente acusou-os de “mesmerismo malicioso”, sustentando que eles eram inteiramente capazes de pecado, que as más disposições deles eram deveras realíssimas, e que não eram meras ilusões da parte dela.

33. O quarto postulado da “Ciência Cristã” reconhece que “O homem é salvo por meio de Cristo.

Consoante a Bíblia, para salvar a humanidade do pecado, “Deus amou tanto o mundo, que por êle deu o seu Filho Unigênito” (Jo 3, 16). O Filho Eterno de Deus fêz-se homem, nascendo da Virgem Maria. Conforme o enuncia S. João, “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. . . e o Verbo fêz-se carne e habitou entre nós” (Jo 1, 1-14). Tudo isto Mrs. Eddy nega. No seu entender, Jesus não foi nem Deus nem homem. Ela explica a Encarnação dizendo: “A Virgem-mãe concebeu a idéia de Deus, é deus ao seu ideal o nome de Jesus” (“Ciência e Saúde”, p. 29). E nem o seu ensino considera Jesus como verdadeiro homem. Ela fala dêle como “usando em parte forma humana (isto é, como êle pa-

recia à vista mortal)” (“Ciência e Saúde”, p. 315). No seu próprio hino de Natal ela escreve: “Caro Cristo... lágrimas de mãe a ti não pertencem! Tu, idéia de Deus! O menino de Belém era apenas a tua sombra”. Ninguém que realmente creia em Cristo poderia aceitar isto.

34. Nesse mesmo postulado “Reconhecemos a expiação de Jesus como a evidência do eficaz amor divino”. E no quinto postulado, reconhecemos a sua Crucifixão e Ressurreição.

As palavras são sem valor quando é excluído tudo o que elas realmente significam. Se o pecado não é uma realidade, e sim uma ilusão, não se pode dizer que Jesus tenha expiado os nossos pecados. Se não há sofrimento nem morte, Jesus não sofreu paixão e nem foi crucificado. E Mrs. Eddy diz expressamente, da Expição, que “a teoria é de feitura humana” (“Ciência e Saúde”, p. 23). E nem ensina a ressurreição de Nosso Senhor de entre os mortos. São Paulo escreveu aos Coríntios: “Pois desde o princípio vos transmiti o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Cor 15, 3, 4). Porém Mrs. Eddy diz: “Os discípulos acreditaram que Jesus estava morto enquanto êle estava escondido no sepulcro, quando porém êle estava vivo” (“Ciência e Saúde”, p. 44). Depois ela declara que os discípulos dêle “souberam que êle não tinha morrido” (“Ciência e Saúde”, p. 46).

35. Credo em tôdas estas coisas, nós, “Cientistas Cristãos”, trabalhamos por um mundo melhor.

Mas os ensinamentos da “Ciência Cristã” nunca transcendem êste mundo. A Bíblia nos diz que Cristo

virá outra vez em tôda a sua Majestade e Glória a fim de julgar a humanidade. Aos Apóstolos foi dito: “Êsse Jesus que vistes subir ao céu virá tal como o vistes ir para o céu” (At 1, 11). No seu livro “Retrospecção e Introspecção” (“Retrospection and Introspection”), p. 96, Mrs. Eddy diz: “A segunda aparição de Jesus é inquestionavelmente o advento espiritual da avançante idêia de Deus na Ciência Cristã”. E ousa dizer: “Nenhum juízo final espera os mortais” (“Ciência e Saúde”, p. 291).

36. Em tôdas as coisas nós seguimos as ordens de Cristo.

E por que então não há na “Ciência Cristã” lugar para os Sacramentos e, sobretudo, para o da Sagrada Eucaristia? Mrs. Eddy diz da Última Ceia que ela “encerrou para sempre o ritualismo de Jesus ou as concessões à matéria” (“Ciência e Saúde”, p. 33). Em 1908 ela aboliu a celebração da Santa Comunhão com os elementos de pão e vinho, substituindo-a por um serviço de comunhão de “pensamento silencioso”. Entretanto Cristo insistiu em que o rito que êle instituiu na Última Ceia devia ser continuado na Igreja justamente como êle o instituiu. Disse êle: “Fazei isto em memória de mim... porquanto, tôdas as vêzes que comerdes êste pão e beberdes o cálice, anunciareis a morte do Senhor até que êle venha” (1 Cor 11, 24-26). Pode-se compreender que Mrs. Eddy, que negou a realidade da morte, não quisesse um memorial perpétuo da morte do Senhor; porém ela não tem o direito de chamar cristã à sua religião.

37. Os mais altos ideais do matrimônio cristão só devem ser achados na “Ciência Cristã”.

Os princípios de Mrs. Eddy degradam completamente a idêia do matrimônio. Ela o considera como

uma relutante concessão a idéias errôneas de um corpo material. Escreve ela: "Até que seja aprendido que Deus é o Pai de todos, o matrimônio continuará" ("Ciência e Saúde", p. 64). Os seus três casamentos só podem significar que ela mesma nunca aprendeu a verdade que recomenda aos outros.

38. Em tôdas as coisas somos ensinados a confiar na oração.

A "Ciência Cristã" não permite recurso à oração no verdadeiro sentido da palavra. A verdadeira oração supõe uma pessoa a quem a oração é dirigida, e confia na assistência daquele a quem o apêlo é feito. Porém Mrs. Eddy nega que Deus é pessoal. Declara que êle "não é influenciado pelo homem" ("Ciência e Saúde", p. 7). Escreve: "O mero hábito de pleitear com a mente divina como se pleiteia com um ser humano perpetua a crença em Deus como humanamente circunscrito" ("Ciência e Saúde", p. 2). A eficácia da oração ela a atribui ao efeito dela sôbre a mente humana, fazendo-a atuar mais poderosamente sôbre o corpo. "As petições trazem aos mortais sômente os resultados da própria fé do mortal" ("Ciência e Saúde", p. 11). "O efeito benéfico da oração para os doentes é sôbre a mente humana... é uma crença expulsando outra" ("Ciência e Saúde", p. 12). Semelhante processo egocêntrico de auto-sugestão absolutamente não é oração no sentido cristão da palavra.

39. Pela fé e pela oração a "Ciência Cristã" dá o poder de curar as doenças e tôda sorte de incômodos. Jesus pretendeu que todos os seus seguidores tivessem êste poder.

Se Cristo pretendesse que todos os seus seguidores tivessem êsse poder, todos o teriam. Porque, sendo

Deus, Cristo poderia indubitavelmente realizar os seus desígnios. Mas nem todos os seus seguidores têm o poder de curar doenças à vontade. E o fato de carecerem desse poder é evidência bastante de que tal não foi a intenção de Cristo. Toda explicação que não quadra com os fatos deve ser rejeitada. Mas, na realidade, não há na Bíblia um só texto que implique em que todos os seguidores de Cristo teriam o poder de curar. Cristo veio salvar os homens dos efeitos do pecado, e induzi-los e ajudá-los a viver vidas santas. Não veio outorgar a todos os homens o poder de fazer milagres. A santidade não consiste em fazer coisas assombrosas, nem em escapar à cruz do sofrimento.

40. O próprio Jesus confiou na cura mental pelos poderes naturais.

Isto é realmente um contra-senso. Pode você imaginar os esforços mentais do corpo morto de Lázaro para pensá-lo vivo outra vez? Antes de ressuscitar Lázaro dos mortos Cristo levantou os olhos ao céu e disse: "Pai, graças te dou por me teres ouvido. Eu sei que me ouves sempre; mas por causa deste povo que aqui está em volta foi que eu disse isto, para que eles creiam que tu me enviaste" (Jo 11, 41-42). Estas palavras provam que ele estava confiando num poder divino acima de todas as forças naturais criadas deste universo.

41. A medicina estava em voga antes de Cristo vir. Mas nós, cientistas cristãos, sabemos que Cristo introduziu uma nova dispensação.

Cristo introduziu uma nova dispensação, mas não de medicina. Ele não veio estabelecer um substitutivo para uma clínica médica. Veio chamar os pecadores ao arrependimento, para que eles pudessem obter per-

dão para os seus pecados, vencer as suas faltas morais, e servi-lo numa vida de virtude. Nas doenças corporais, êle sempre esperava que as pessoas fizessem uso dos serviços de médicos. Disse êle: "Os que estão com saúde não precisam de médico, mas sim os que estão doentes" (Mt 9, 12). Os doentes necessitam do auxílio do médico, e Cristo nunca pensou em aconselhar o povo diferentemente.

42. Cristo nos deu a religião de que precisamos, e nós precisamos de uma religião de cura.

Não precisamos. Temos necessidade da religião de Cristo. Os pobres, carecendo de riqueza, e os doentes, carecendo de saúde, sempre existiram, e sempre existirão, de acôrdo com Cristo. Verdade é que êle curou algumas pessoas a fim de provar a sua missão divina. Mas de modo algum curou todos os que sabia estarem doentes. Se êle houvesse feito isto, não teria deixado um só doente no mundo inteiro. O mesmo Cristo no céu conhece agora tôdas as doenças na terra, e por um só ato da sua vontade poderia curá-las tôdas. Mas não o faz. Nenhuma doença poderia ocorrer sem que Deus a permita. E, no entanto, Deus a permite. Se Cristo curou os doentes, não foi simplesmente para se ver livre das doenças, mas para provar a sua revelação; e, tendo sido esta provada suficientemente, a necessidade real de milagres cessou.

43. Como podem os sacerdotes católicos pretender ter os mesmos poderes que os Apóstolos, se não podem curar os doentes?

Os poderes espirituais dados aos Apóstolos deviam ser permanentes, e coisa muito maior é restaurar a vida da graça numa alma pecadora do que curar o corpo de doenças temporais. Curar o corpo é meramen-

te adiar um pouco mais a morte, que deve vir mais cedo ou mais tarde. Mas perdoar os pecados é assegurar a eterna salvação da alma. E' verdade que Cristo deu aos Apóstolos tanto o poder de perdoar o pecado como o poder de curar o corpo. O poder de perdoar o pecado era essencial à missão da Igreja, e passou a todos os Sacerdotes da Nova Lei que se sucederam. Mas o poder de curar milagrosamente não era para ser transmitido.

44. Então você nega que os primitivos cristãos praticassem a cura?

Nego. Curar nunca foi uma "prática" entre os Cristãos, no sentido em que os "Cientistas Cristãos" entendem a palavra. Não nego que o poder de cura milagrosa tenha sido dado por Deus a vários indivíduos na Igreja primitiva. Mas os que receberam êste dom nunca, nem por um momento, pensaram estar exercendo seus poderes inerentes e naturais. Deus operou sinais, ou prodígios, por intermédio de certos cristãos a fim de assegurar o rápido crescimento e estabelecimento da Igreja infante. Êsses sinais visavam de modo especial aos circunstantes, servindo-lhes de motivo de credibilidade. Mas, uma vez que a Igreja ficou sólidamente estabelecida, a necessidade dessas manifestações extraordinárias cessou. Não se pretende que as pessoas se façam cristãs por causa de benefícios temporais, mas sim por causa do seu bem-estar eterno.

45. Onde é que a Bíblia diz não ter sido dado a todos o dom de cura?

Escrevendo aos Coríntios, S. Paulo descreve as diversidades de dons outorgados por Deus a diferentes indivíduos na Igreja primitiva. Diz êle: "A um, com

efeito, é dada pelo Espírito a palavra de sabedoria; e a outro a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro a graça de curar, num mesmo Espírito; a outro, a virtude de operar milagres; a outro a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, a interpretação das palavras” (1 Cor 12, 8-10). A cura de que S. Paulo falava não era uma arte a ser aprendida, mas sim um dom sobrenatural. Nem todos o receberam; e cada um que o recebeu teve-o dado diretamente por Deus.

46. O próprio Cristo disse que tais sinais seguiriam aqueles que n'Ele cressem.

Os sinais que êle mencionou seguiram realmente aqueles que criam nêle, sendo manifestados ora através dêste indivíduo, ora através daquele. Mas o dom de curar não era concedido aos indivíduos que o recebiam meramente para o fim de restaurar a saúde. Era dado como um meio de provar a missão divina da Igreja. Por isto S. Paulo diz do dom das línguas (e a mesma coisa se aplica aos outros dons extraordinários) que êle era “um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos” (1 Cor 14, 22). E' ir muito além de qualquer coisa contida na Bíblia o sugerir que tais sinais deviam seguir todos os crentes através de todos os tempos, de modo que deveriam ser um característico permanente na vida de todos os que professassem a religião cristã. Ademais, repito, os fatos da história excluem tal interpretação.

47. S. Tiago 5, 15, diz: “A oração da fé curará o doente”.

Essas palavras ocorrem no meio de um trecho que descreve o Sacramento da Extrema-Unção. Ime-

diatamente antes delas, S. Tiago declara que os sacerdotes da Igreja deveriam ungir o doente com óleo em nome do Senhor. E acrescenta que, se o doente estiver em pecado, os seus pecados ser-lhe-ão perdoados. Não há aí referência a uma panacéia infalível e sempre pronta para tôdas as doenças temporais. A idéia de oferecer a recuperação da saúde corporal como uma espécie de suborno para atrair recrutas é completamente estranha à religião de Cristo, que disse: "Se alguém quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16, 24). Com a sua impressão de que Cristo veio ao mundo primariamente para curar os doentes, a "Ciência Cristã" labora numa concepção completamente errônea da natureza da obra de Cristo em favor da humanidade. Jesus veio ensinar-nos a evitar o pecado e todo mal moral, e a praticar a virtude no meio das provações desta vida. E morreu na Cruz para expiar os nossos pecados, e para nos possibilitar um destino celestial e eterno como resultado dos nossos esforços para o servirmos.

48. Curas autenticadas de distúrbios orgânicos têm sido realizadas com o auxílio dos ensinamentos da "Ciência Cristã".

Autenticadas por quem? A "Ciência Cristã" não exibiu sequer um só caso satisfatório de cura de doença orgânica, onde quer que o desarranjo orgânico foi previamente estabelecido por uma diagnose competente, e o fato da cura similarmente estabelecido. Que verdadeira evidência científica a "Ciência Cristã" ofereceu para a cura mental de doenças orgânicas, suficiente para convencer médicos peritos? Outra coisa a lembrar é esta: Segundo os ensinamentos de Mrs. Eddy, não há coisa tal como doença orgânica. A

“Ciência Cristã” não pode pretender ter curado aquilo que ela declara nunca haver existido. Dizer que o corpo do homem é irreal, e que o homem é “incapaz de pecado, de doença e de morte”, é admitir que a cura é tão irreal como a doença imaginada. A “Ciência Cristã” não pode, de acôrdo com seus próprios princípios, pretender ter curado quaisquer distúrbios orgânicos. Quando muito pode pretender ter habilitado um homem a não se pensar sujeito a aflições que erradamente êle imaginara serem a sua sorte.

49. Naturalmente, você recusa acreditar isto possível.

Não digo que não haja doenças que possam ser curadas pela cura mental. Digo apenas que a cura mental empregada não precisa ser associada com a “Ciência Cristã”. Exercentes da cura mental que nunca subscreveram as teorias religiosas de Mrs. Eddy têm obtido igualmente bons resultados. Nós todos admitimos a grande influência da mente sôbre o corpo. Ansiedade mental, aborrecimento e depressão podem causar uma queda da saúde física e resultar em muitas desordens nervosas. Em tais casos, a restauração da paz mental resulta na melhora da saúde corporal. Mas, por nenhum processo mental da parte do paciente uma perna quebrada cessará sùbitamente de estar quebrada, ou um processo canceroso desaparecerá da noite para o dia. Nem a “Ciência Cristã” pode apresentar um só caso desta natureza convenientemente autenticado.

50. A sua idéia de que as curas da “Ciência Cristã” se baseiam na influência da mente sôbre a matéria mostram uma completa ignorância dos princípios da “Ciência Cristã”.

Assim não penso. Mrs. Eddy escreve: “Dizeis que um tumor é doloroso; mas isto é impossível, pois a

matéria sem a mente não é dolorosa. O tumor simplesmente manifesta, por meio da inflamação e da inchação, uma crença na dor, e esta crença é chamada um tumor. Ora, administrai mentalmente ao vosso paciente uma alta atenuação de Verdade, e esta logo curará o tumor” (“Ciência e Saúde”, p. 153). Nessa passagem ela obviamente apela para a influência da mente sobre a matéria. Um “Cientista Cristão” poderia dizer que a administração da Verdade acarretou a influência da Mente Divina sobre a mente mortal; e que, pressuposta esta ocorrência, a cura foi devida à Mente Divina persuadindo a mente humana de que o tumor não existia. Mas nenhuma pessoa sensível poderia aceitar isso mais do que tôdas as outras afirmações contraditórias em que Mrs. Eddy assevera que o homem “não tem mente separada de Deus”; depois, que “a mente humana é oposta a Deus”; e depois, que “a mente humana é um mito”.

- **51. E' estranho que um católico duvide das curas proclamadas pela “Ciência Cristã”, já que tantas curas similares têm sido efetuadas em Lourdes.**

Não há razão para duvidar de que muitas curas milagrosas têm ocorrido em Lourdes, mas há toda razão para duvidar da explicação das curas que teriam sido promovidas por um “Cientista Cristão”, a despeito da admissão dêste de haverem elas ocorrido. E nem a admissão, pelos “Cientistas Cristãos”, de haverem ocorrido milagres em Lourdes impõe aos católicos qualquer dever de admitir que as curas proclamadas pela “Ciência Cristã” também sejam milagres autênticos. E' uma falácia argumentar que Lourdes é prova de serem possíveis os milagres, e de que, portanto, a “Ciência Cristã” também é capaz de produzi-los.

52. Por não ter fé na "Ciência Cristã", você nega as curas que ela efetua. Se não tivesse fé na religião católica, provavelmente você também negaria as curas em Lourdes.

E' possível que, se eu não fôsse católico, negasse a realidade das curas em Lourdes. Mas, se tal fizesse, não seria pelo fato de não haverem as curas ocorrido. Seria ou por não me ter dado o trabalho de estudar a evidência, ou por haver o preconceito torcido o meu juízo a respeito da evidência. Se eu conhecesse todos os fatos e fôsse completamente imparcial, teria de admitir as curas quer fôsse católico quer não. O preconceito é o maior obstáculo na maioria dos casos. Tôda gente ouviu falar do Dr. Alexis Carrel, outrora Diretor do Instituto Médico Rockefeller na América, e autor do livro largamente difundido "O Homem, êsse desconhecido". As suas notáveis façanhas na pesquisa científica tornaram-no de fama universal. Mas pouca gente sabe o que foi que o levou a se fazer Diretor do Instituto Rockefeller. Em 1902, o Dr. Alexis Carrel era membro da Faculdade de Medicina da Universidade de Lião, na França. Naquele ano êle aconselhou que uma criança, Marie Bailly, fôsse levada a Lourdes. Ela estava gravemente doente de tuberculose dos pulmões e do peritônio. Outros médicos, e o próprio Dr. Carrel, haviam empregado em vão todos os recursos da medicina e da cirurgia; nos seus esforços para beneficiá-la. Em Lourdes, ela ficou definitiva e completamente curada. Os outros membros da Faculdade de Medicina da Universidade de Lião, que eram anticlericais, atacaram o Dr. Carrel quer por enviar a meñina a Lourdes quer por admitir a sua cura. O Dr. Carrel, que naquele tempo não era um católico praticante, teve ao menos a coragem de arrostar os fatos. "Lourdes", disse êle, "foi bem su-

cedida, em três ou quatro dias; onde nós fracassamos; há aí alguma coisa que se aproxima da categoria do milagroso". E acrescentou: "Queiram notar cuidadosamente que eu nem explico nem discuto. Contento-me com estatuir os fatos". Mas êle contendia com um preconceito invencível. Um dos principais membros da Faculdade lhe disse: "E' desnecessário frisar, senhor, que, com modos de ver tais como êstes, o Sr. nunca pode ser aceito como membro da nossa Faculdade". "Neste caso", respondeu Carrel, "devo ir para qualquer outro lugar. Creio que há lugares onde serei mais cordialmente recebido". Fêz como disse, deixou Lião e foi para a América, onde não tardou a tornar-se famoso. Se não fôsse o cego preconceito dos seus colegas da Faculdade de Medicina de Lião, com tôda probabilidade o Dr. Carrel não teria ido para a América, para ali empreender a notável obra que tornou o seu nome conhecido no mundo inteiro.

53. As curas em Lourdes como na "Ciência Cristã" dependem da fé e da compreensão do indivíduo.

Primeiramente, eu nego que se possa fazer qualquer comparação geral entre as curas de Lourdes e as curas pretendidas pela "Ciência Cristã". Em Lourdes há curas que poderiam ser devidas a fatores psicológicos puramente naturais, e que a sugestão mental poderia produzir, como na "Ciência Cristã", ou em qualquer outro método de cura mental. Mas deve-se notar que o "Bureau Médico" em Lourdes não aceitará como milagrosa nenhuma cura que possa dever-se a tais fatores. Nenhuma cura que possa ser operada pelos métodos da "Ciência Cristã" seria registrada em Lourdes como milagrosa. Mas há ali outras curas que poderiam não ser devidas a nenhuma persuasão subjetiva da parte do paciente — como, por

exemplo, a cura instantânea de uma perna quebrada, ou o desaparecimento instantâneo de um produto canceroso. Curas tais só podem ser obtidas pela influência direta de Deus; e só essas são aceitas como milagres.

54. Se o indivíduo tivesse a fé e a compreensão, a cura ocorreria quer o paciente fôsse católico, quer fôsse “Cientista Cristão”.

Nesse caso, você não poderia argumentar que os resultados dela provam a verdade da “Ciência Cristã”! Mas os milagres de Lourdes não são causados pela fé nem pela compreensão da pessoa curada. Se assim fôra, todos os que tivessem igual fé e compreensão deveriam ser igualmente curados. Mas não são. Na sua imperscrutável sabedoria Deus muitas vêzes concede uma cura onde menos poderíamos esperá-la, deixando continuarem a carregar a cruz do sofrimento outros com muito maior fé e compreensão. Yvonne Aumaître, uma criancinha de menos de dois anos, foi mergulhada nas águas em Lourdes, e ficou imediatamente curada de um duplo pé torto. O resultado não foi devido à sua fé e compreensão. Você pode dizer que foi devido à fé dos pais dela. Mas isso não seria a fé e a compreensão da pessoa curada. Concedendo, porém, que a cura da criança tenha sido a recompensa da fé de seus pais, não foi a fé dos pais que causou a cura. Quando muito, ela teria sido uma condição requerida dêles por Deus para a concessão da cura. O estado mental dos pais não endireitou aquêle duplo pé torto. Isto foi devido à intervenção direta de Deus. Com tôda a fé do mundo nenhum católico pode realizar tais coisas à vontade. Nem o pode nenhum “Cristão Cientista”.

**55. Cristo disse: "Pelos seus frutos conhecê-los-eis".
A "Ciência Cristã" é justificada pelos seus resultados.**

Quem quer que tenha em mente todos os resultados da "Ciência Cristã" só pode é rejeitá-la. Ela tem resultado em indizível sofrimento desnecessário. As pessoas têm continuado a sofrer dor e desventura, chamando afinal o médico, em desespero de causa, embora o médico pudesse tê-las aliviado desde o começo, e ter impedido o progresso da moléstia. Em muitos casos, por ter sido o médico chamado tarde demais, ou não ter sido chamado, a "Ciência Cristã" tem resultado em morte. Lógicamente ela resultaria, assim, na destruição da sociedade. Ela só pode viver no meio daqueles que não a aceitam. Enquanto os outros aplicarem os seus próprios princípios, tais como a continuação das medidas preventivas científicas, vacinação, esgôto das cidades, não adulteração dos alimentos, preparo de médicos, cirurgiões e enfermeiras, uma comunidade continuará a viver. Mas uma legislação baseada nos princípios da "Ciência Cristã" teria a doença grassando incontrolada, e em breve muito poucos cidadãos para professarem as doutrinas de Mrs. Eddy. No tocante à virtude, devemos admitir que a "Ciência Cristã" desestimula os vícios corporais e estimula a temperança. Mas de humildade ela não sabe, nada, pois todo o seu propósito é procurar fazer crer que somos realmente sem pecado; e, nos seus serviços, a única "confissão" é uma confissão, não de falta, mas de triunfo e de sucesso. A compaixão e a piedade também são necessariamente diminuídas pelo próprio desprezo mental por aqueles que estão realmente sofrendo, e que se acredita terem dado motivo a uma irreal fraqueza de mente, queixando-se daquilo que absolutamente não existe. Afinal de contas, é difícil respeitar

aquilo que você está profundamente convencido de que é uma vergonha.

56. E como você explica o crescimento e atrativo da Ciência Cristã, se ela não fôsse a verdade?

Há muitos fatores que podem explicar satisfatoriamente o largo atrativo da "Ciência Cristã". O seu título tem um som impressionante tanto religiosa como culturalmente. Ele supre os sentimentos religiosos daqueles que perderam o seu apêgo definitivo às verdades fundamentais do cristianismo, embora não tenham perdido o seu apêgo a um vago sentimento cristão. Ao mesmo tempo, na atmosfera de ciência de hoje em dia, ela lisonjeia os seus adeptos com a crença de haverem êles ao menos conciliado a religião com a ciência, a despeito da impressão popular da existência de um conflito inconciliável entre as duas. Nem se pode negar a atração exercida nêles mesmos pelas qualificações facilmente adquiridas em ciência e em filosofia, tais como parece conferir a simples profissão de "Cientista Cristão". Sem quaisquer longos anos de aquisição de saber, e sem a necessidade sequer de uma instrução elementar, milhares de pessoas são levadas a julgar-se cientistas e metafísicos. Ademais, gente não preparada em lógica, em ciência e em filosofia acha muito fácil tomar uma meia verdade por uma verdade integral. Que a "Ciência Cristã" contenha alguma verdade, isto ninguém poderia negar; mas isso não justifica a concentração somente sôbre um aspecto dela, com desprezo de todos os outros. Por exemplo, é verdade que Deus está em tôda parte; mas não é verdade que Deus é cada coisa. E' verdade que algumas doenças são causadas mentalmente; mas não que, por isso, tôdas as doenças sejam mentais. E' verdade que se tem feito mau uso das drogas; mas

não que elas nunca sejam úteis. E' verdade que algumas doenças têm sido curadas pela cura mental; mas não que tôdas as doenças possam ser eliminadas por essa forma. A tudo isto podemos acrescentar o fato de a "Ciência Cristã" prometer tanto saúde como riqueza. O desejo da saúde é uma grande fôrça psicológica. Os vendedores de medicamentos patenteados estão perfeitamente a par disto. Os seus próprios anúncios sugerem a doença em muitos casos, enquanto que as suas promessas asseguram as vendas. O conselho cristão de suportar os sofrimentos por amor de Deus, e de santificá-los unindo-os com os sofrimentos de Cristo, tem pouco atrativo para gente superficial e egoísta. Para gente assim, uma religião cordialmente alegre que resolve o problema dizendo que não haverá problema se você o negar assaz fortemente para si mesmo, aparece como um raio de nova luz e esperança. Por isto as pessoas a experimentam, e continuam a experimentá-la, estimuladas por aquilo que se tornou o seu maior bem, ou seja o seu bem-estar neste mundo, até que o túmulo as reclame, como o faz ao resto dos homens. Quanto à riqueza, para Mrs. Eddy a pobreza é um êrro tanto quanto o pecado ou a doença. No seu entender, também a pobreza pode ser curada pelo reto pensar. E ela não hesitou em anunciar a primeira edição de "Ciência e Saúde" como um livro que "ensancha oportunity para adquirir uma profissão pela qual se pode acumular uma fortuna".

Todos êstes fatôres, e muitos outros, podem explicar o atrativo da "Ciência Cristã", sem qualquer necessidade de admitir ser ela baseada numa revelação divina feita a Mrs. Eddy. Por outro lado, quase tudo nela veda a aceitação disto.

57. E' fácil oferecer crítica destrutiva. Mas tem você algo construtivo a oferecer aos que genuinamente buscam a verdade?

Sem dúvida. Não só como oposta à “Ciência Cristã”, mas em contraste com tôdas as outras religiões, a Fé Católica avulta como infinitamente radiante e gloriosa. Cristo, o Filho de Deus, fundou a Igreja Católica. As suas doutrinas sublimes transcendem os poderes de qualquer mente humana, correspondendo a tôdas as legítimas aspirações do coração humano. Nunca foi mostrado, nem nunca poderá ser mostrado, que qualquer dogma da Fé Católica esteja em conflito ou com a reta razão ou com os fatos científicos. Os milagres de Cristo, e os milagres continuados na Igreja Católica, tanto como o milagre que é a própria Igreja Católica, não só no seu caráter, como também na sua existência, são uma garantia absoluta de que ela é de Deus. Os seus ensinamentos, postos em prática, resultam em santidade para o indivíduo e em bênção para a sociedade. E, aderindo a ela, nós sabemos que compartilharemos a sua perene imortalidade, achando a solução de todos os problemas quando o seu Divino Fundador nos reclamar finalmente como seus, para compartilharmos com êle para sempre, a Luz e a Glória e a Felicidade da Presença de Deus.

INDICE

	PERGUNTA
A Religião chamada "Ciência Cristã"	1- 4
Não é uma Revelação Divina	5- 7
Vida de Mrs. Mary Baker Eddy	8-11
A sua Filosofia Básica	12-19
A "Ciência Cristã" como Religião	20-22
Atitude para com a Bíblia	23-25
Negação dos Ensinamentos Cristãos	26
Deus	27
A Trindade	28
A Criação	29
Os Anjos	30
O Homem	31
O Pecado	32
Cristo	33
A Redenção	34
O Juízo	35
A Eucaristia	36
O Matrimônio	37
A Oração	38
Cura Mental	39-47
Curas Milagrosas	48-54
Efeitos da "Ciência Cristã"	55
Segrêdo da sua expansão	56
A Alternativa Católica	57